

VARIAÇÃO SOCIAL E VITALIDADE DE ALGUNS REGIONALISMOS MADEIRENSES NO PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DO FUNCHAL

Naidea Nunes Nunes
Universidade da Madeira
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
naidean@staff.uma.pt

RESUMO:

Este trabalho, na área da geosociolinguística, pretende estudar a variação social e, consequentemente, a vitalidade de alguns regionalismos madeirenses, no Português falado na cidade do Funchal, ilha da Madeira (Portugal). Seleccionámos cinquenta palavras do glossário de Ana Cristina Figueiredo, *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, com o objetivo de observar fenómenos de variação linguística interna (lexical e semântica) e externa, a influência dos fatores extralinguísticos ou variáveis socioculturais: sexo, idade e escolaridade (associada ao nível socioeconómico), assim como a influência da origem rural ou do contacto com áreas rurais dos informantes, no conhecimento e uso dos regionalismos testados, verificando a sua vitalidade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia, Sociolinguística, Variação, Léxico, Regionalismos madeirenses.

ABSTRACT:

This work in the geo-sociolinguistic field pretends to study the social variation and consequently the vitality of some Madeira regionalisms, in the spoken Portuguese of Funchal city (Portugal). We selected fifty words of the Ana Cristina Figueiredo vocabulary, *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, with the aim to observe phenomena of linguistic internal variation (lexical and semantic) and external variation, the influence of the extra-linguistic factors or socio-cultural variables: gender, age and education (associated to the socio-economical level), as well as the rural origin or contact with rural areas of the informants, in the knowledge and use of the tested regionalisms, verifying its actual vitality.

KEYWORDS: Dialectology, Sociolinguistics, Variation, Lexicon, Regionalisms of Madeira Island.

Introdução

O património lexical de uma língua é dinâmico porque está sujeito à variação no tempo, no espaço e na sociedade, devido a fatores históricos e sociais e à própria natureza heterogénea da língua. O estudo do léxico regional do Arquipélago da Madeira, ou seja, dos regionalismos madeirenses tem suscitado grande interesse, principalmente ao longo do século XX. Surgiram listagens de palavras e a elaboração de estudos de cariz linguístico-etnográfico e de vocabulários da linguagem popular e regional, sobretudo da ilha da Madeira, publicados a nível nacional e regional em periódicos e em livros. Também foram realizadas várias dissertações de licenciatura sobre a variedade insular madeirense na área da Dialectologia, com orientação científica de Paiva Boléo e de Lindley Cintra, respetivamente nas Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e de Lisboa. Com a criação e o desenvolvimento da Universidade da Madeira, nomeadamente dos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em Letras, foram produzidos, recentemente, vários estudos sobre esta temática. Atualmente, são vários os estudos e artigos sobre o património linguístico madeirense apresentados em congressos nacionais e internacionais e em revistas da área de especialidade e de temas culturais.

O termo regionalismo, como o próprio nome indica, é definido no Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa como “Vocábulo, aceção, expressão própria de uma

região”, sendo utilizado geralmente apenas para unidades lexicais. Trata-se de palavras características de um dialeto, região ou variedade diatópica, sendo unidades lexicais que não existem na norma padrão: arcaísmos que caíram em desuso, embora muitas vezes não estejam registados no *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (DRA)* de Leite de Vasconcelos, ou inovações lexicais que surgiram na Madeira, nomeadamente através do contacto com outras línguas. Por outro lado, temos os regionalismos semânticos ou de significado, ou seja, palavras que existem na norma padrão, mas que, numa determinada região, apresentam um significado específico, geralmente por especialização ou generalização de sentido ou por analogia, através de um sentido figurado. O conceito de regionalismo nem sempre é consensual, pois pode ser um vocábulo ou expressão próprios de uma região ou comum a mais do que uma área geográfica. Embora existam cada vez mais vocabulários de variedades regionais da Língua Portuguesa (Trás-os-Montes, Minho, Alentejo, Açores, Madeira, etc.), ainda faltam estudos exaustivos e comparativos das diferentes áreas geográficas para podermos determinar a exclusividade ou não de um regionalismo como pertencente apenas a uma região. Neste trabalho, não é nossa intenção discutir a questão dos regionalismos madeirenses, através do seu confronto com os dicionários da Língua Portuguesa e com os vocabulários regionais existentes e a sua exclusividade regional. O nosso propósito é testar a vitalidade de alguns destes regionalismos, na comunidade de fala da cidade do Funchal, capital do Arquipélago da Madeira, observando a variação social no seu uso. Dado que já existem muitos vocabulários e estudos que fazem levantamentos de regionalismos madeirenses, mas ainda são poucos os que testam a sua vitalidade numa comunidade de fala (REBELO, 2005-2006; SILVA, 2008; SANTOS, 2013) e nenhum deles se centra na cidade do Funchal.

Posto isto, partimos do estudo da dissertação de mestrado de Ana Cristina Figueiredo, *Palavras d’aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, apresentada à Universidade da Madeira em 2004, onde a autora estuda 322 vocábulos, confrontando-os com o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa (2001), o *Dicionário de Cândido de Figueiredo* (edição de 1996), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2002/2003) e o *Dicionário de Moraes Silva* (edição de 1999), confirmando tratar-se de regionalismos pelo facto de não existirem ou apresentarem aceção diferente nestes dicionários, indicando quando o termo está dicionarizado também como regionalismo, geralmente dos Açores e da Madeira. Para aferir a atestação do vocábulo como regional e a sua definição, a autora consulta vários vocabulários regionais, publicados entre 1929 e 1993. Procura estudar regionalismos característicos da ilha da Madeira, embora alguns deles possam ser comuns a outras regiões, como é o caso de *lapinha*, que, segundo o Houaiss, existe no Nordeste brasileiro com o mesmo significado e, segundo Soares de Barcelos (2008), existe também nos Açores com significado idêntico. Ana Cristina Figueiredo tem também a preocupação de distinguir os regionalismos das corruptelas populares, que são alterações ou variantes fonéticas de palavras do Português padrão, por exemplo: *prantar* por *plantar* e *alembiar* por *lembrar*, tratando-se de formas muito antigas de transmissão oral comum a várias regiões do país, ocorrendo na fala dos indivíduos menos escolarizados, logo não sujeitos à imposição da norma da escola.

Pretendemos observar até que ponto, na cidade do Funchal, alguns regionalismos, retirados do glossário denominado *Palavras d’aquintrodia*, ainda são (re)conhecidos e usados e com que significados, verificando se apresentam variação interna ou linguística (fonética, lexical, semântica, morfológica), mas sobretudo variação externa ou sociolinguística, tendo em conta os fatores de variação social: sexo, idade e escolaridade, bem como a variável geográfica (naturalidade rural ou urbana dos falantes), dado que muitos dos atuais residentes no Funchal são oriundos ou mantêm contactos linguísticos próximos com áreas rurais. Propomo-nos aferir a influência dos

fatores extralinguísticos, ou seja, observar a existência de variação sociocultural no uso de alguns regionalismos madeirenses na cidade do Funchal. Assim, procuraremos testar se falantes com origem rural ou com contactos linguísticos com zonas rurais têm maior conhecimento e usam mais os regionalismos madeirenses do que os falantes nascidos na cidade do Funchal sem contactos com a linguagem rural; se falantes com maior escolaridade usam menos os regionalismos estudados do que os falantes com menor escolaridade; se os falantes da faixa etária mais velha usam mais os regionalismos do que os mais jovens e, ainda, se as mulheres usam mais regionalismos do que os homens.

Como se trata de um estudo lexical, as hipóteses formuladas são essencialmente de natureza extralinguística, logo a validação ou confirmação destas hipóteses será feita com base no controle das variáveis externas ou variáveis independentes referidas. A variação está presente em múltiplos aspetos da língua inclusivamente no léxico, embora os aspetos lexicais e semânticos ou semântico-lexicais sejam menos sistematizáveis do que os fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos, visto que estes últimos são condicionados por fatores internos, enquanto os lexicais estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos de carácter social e cultural, sobretudo etnográficos e históricos, incluindo a origem ou naturalidade rural ou urbana dos falantes. Pois, no caso dos regionalismos, como se trata de uma marca sobretudo da linguagem oral, regional e popular, a observação da variável rural vs. urbano é importante.

1. Enquadramento teórico

As maiores contribuições para o estudo da diversidade e/ou variação lexical têm sido de estudos geolinguísticos de diferentes regiões. A abordagem da Dialetoлогия ou Geolinguística tradicional já tinha em conta, nas diferenciações linguísticas, a preocupação com os fatores sociais, que sempre estiveram presentes nos estudos dialetológicos, tais como: região geográfica, classe socioeconómica, grau de escolaridade, sexo e idade. Assim, a Dialetoлогия foca-se sobretudo no estudo da fala das populações rurais com alto grau de isolamento e baixa escolaridade, ou seja, estuda a variação diatópica associada à população rural, idosa e analfabeta ou pouco escolarizada. A Sociolinguística, ao centrar-se sobretudo no estudo da fala urbana, tendo em conta o género, várias faixas etárias e níveis de escolaridade, vem complementar a abordagem da Dialetoлогия. Deste modo, os estudos linguísticos passam a integrar uma abordagem mais abrangente: além de se focar na variável geográfica integra as variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade, associada ao nível socioeconómico e profissão dos falantes), bem como a oposição entre variedade rural e urbana, relacionando estas variáveis extralinguísticas com os fatores linguísticos ou estruturais. Surge, assim, a chamada Geolinguística pluridimensional ou Geosociolinguística, muito desenvolvida no Brasil. Esta abordagem multidimensional da realidade linguística de uma comunidade de fala permite observar a variação linguística, mas também possíveis mudanças em curso, através do comportamento ou uso linguístico dos falantes. Trata-se de estudos que unem a metodologia da Geolinguística e da Sociolinguística, sobretudo para dar conta da diversidade lexical e semântica de diferentes áreas geográficas, mas também de fenómenos fonológicos e morfossintáticos em variação.

O nosso estudo da variação social dos regionalismos madeirenses na comunidade de fala do Funchal enquadra-se nesta abordagem multidimensional, ou seja, simultaneamente geográfica e sociocultural, em que a variação da língua está associada não só à origem dialetal dos falantes, mas também ao seu nível sociocultural, sobretudo ao sexo, idade e escolaridade. Dos poucos estudos sobre a variação sociolinguística que existem para o Português Europeu, destacamos o estudo de Andrade (1990) por ser sobre algumas particularidades do Português falado no Funchal. O autor trata o fenómeno da palatalização do /l/, característico da ilha da Madeira, demonstrando a

influência de fatores extralinguísticos, em que as mulheres palatalizam mais do que os homens, usando uma forma ou variante fonética não-padrão. Este facto poderá dever-se ao maior isolamento ou menos contactos sociais das mulheres na sociedade madeirense, que até bem recentemente era predominantemente uma sociedade rural, caracterizada por grande isolamento das mulheres, inclusive nas zonas periféricas do Funchal. No que se refere à variação morfossintática, assinalamos o trabalho resultante do *Corpus Madeira*, coordenado por Aline Bazenga da Universidade da Madeira, sobretudo no que se refere à concordância verbal no Português falado na cidade do Funchal. No âmbito deste projeto de investigação, Vieira & Bazenga (2013) expõem alguns factos históricos, geográficos e sociais para explicar a especificidade de algumas particularidades linguísticas encontradas na fala do Funchal, nomeadamente o contacto entre línguas, devido à presença de escravos (guanches, mouros e africanos) e estrangeiros (genoveses, florentinos, franceses, espanhóis, ingleses), na ilha da Madeira, desde o início do povoamento, sobretudo devido ao desenvolvimento da produção açucareira e à sua comercialização. A cidade do Funchal foi um espaço geográfico que sempre estabeleceu contactos linguísticos com pessoas de variadas proveniências, ao longo de toda a sua história: trocas culturais com outros países, com outras regiões (imigrantes de várias partes de Portugal que participaram no povoamento da ilha a partir do século XV), e com a metrópole (Lisboa), através das embarcações das rotas marítimas que passavam no Funchal para se abastecerem de mantimentos para as longas viagens, no “ciclo de expansão da língua” (Castro, 2006). No ano de comemoração dos 500 anos da Diocese do Funchal, temos de lembrar também que esta incluía todas as possessões ultramarinas portuguesas em África, Brasil e Ásia.

Vieira & Bazenga (2013) também referem que a cidade do Funchal tem sido palco de migrações internas, para onde convergem populações rurais, concentrando-se na periferia da cidade. Trata-se de fatores histórico-sociais que determinam a constituição ou composição deste espaço urbano, isto é, da sua geografia humana. Ao contrário dos resultados dos estudos de Labov (1990, p. 205), em que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, devido à preferência pelas variantes padrão em detrimento das estigmatizadas (não-padrão), as autoras verificaram que na comunidade de falantes com baixo grau de educação, as mulheres demonstram comportamentos linguísticos marginais, liderando o uso de variantes não-padrão. As autoras explicitam ainda que esta diferença depende do papel sócio-histórico específico da mulher na comunidade, inclusive nas comunidades rurais periféricas das cidades, como é o caso do Funchal, em que os homens estão melhor colocados no mercado de trabalho, ou seja, apresentam melhor integração na comunidade de fala urbana, assimilando melhor as variantes urbanas com prestígio social, podendo abandonar o uso das formas desviantes da linguagem rural e popular.

Isquierdo (1996, p. 93) afirma que o léxico de uma língua apresenta uma relação bastante forte com a história cultural da comunidade, visto que regista as mudanças que ocorreram na sociedade, reservatório de memória da sua cultura através do tempo. Isquierdo escreve:

o conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua, por reproduzir a visão do mundo, o património cultural dos falantes e por testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história, fornece marcas da identidade desse grupo. A forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspetos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo ou grupo, além de fornecer índices da origem geográfica e da classe social do falante. (2003, p. 178)

Como fenómeno social, a língua é heterogénea e plural. O pressuposto básico da teoria da variação linguística é o de que a heterogeneidade ou variação é inerente a qualquer sistema linguístico, não sendo aleatório, mas ordenado por restrições

linguísticas e condicionantes extralinguísticas. Posto isto, existem regras variáveis que favorecem ou desfavorecem o uso de certas variantes linguísticas, formas variáveis ou formas em variação, por diferentes falantes e em diferentes contextos sociais. Logo, toda a variação é motivada, isto é, determinada por fatores linguísticos e extralinguísticos, sendo portanto a heterogeneidade ou variação sistemática e previsível. Nos estudos da variação linguística, segundo Labov (1972, 1994), Weinrich, Labov e Herzog, *Fundamental empirical foundations for a theory of language change* (1968), podemos observar a difusão de uma determinada variante por diversos segmentos sociais e a reação dos falantes perante os valores da variável observada, de modo a definir a tendência de mudança e observar como a suposta mudança em curso chegaria a ser consumada. A questão da mudança linguística está diretamente associada à variável social faixa etária, ou seja, a idade do falante pode ser um indicador da vitalidade ou da caída em desuso de um regionalismo. Geralmente, o uso de variantes não-padrão, por informantes com idade superior a 55 anos, constitui forte traço de “regionalidade”, de geração e/ou de classe social popular ou rural, dado que os madeirenses têm fortes raízes agrícolas, ou seja, rurais e populares. Assim, a mudança pode ser atestada na comparação entre as diferentes faixas etárias, por exemplo ao compararmos a fala de um informante idoso com a fala de um jovem: se o vocábulo só é usado pelos informantes mais velhos, podemos ver uma mudança em curso. Santos (2013), na sua dissertação de mestrado intitulada *À luz das palavras quase esquecidas. Contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta do Sol*, estudou a variação diageracional no uso de regionalismos, nas diferentes localidades do concelho da Ponta do Sol, através da realização de inquéritos aplicados a diferentes faixas etárias da população, verificando que as crianças até ao 6º ano de escolaridade (que vivem em áreas rurais e em contacto com os avós) usam muitos regionalismos, mas tendem a perder o seu uso, nomeadamente no 10º ano de escolaridade (pela imposição da norma da escola), à medida que se vão tornando mais sensíveis à questão do prestígio linguístico e social.

A cidade, em geral, usa uma linguagem mais de acordo com a variedade padrão. Por isso, procurámos conhecer a variação social e a vitalidade de alguns regionalismos madeirenses na fala da cidade do Funchal, onde há o encontro de falantes de diferentes proveniências geográficas da ilha da Madeira, formando a chamada zona “rurbana”, zona de transição entre o rural e o urbano. O conceito de “rurban” áreas, ou seja, a noção de contínuo rural-urbano proposta por Bortoni-Ricardo (2004) pretende compreender a variação linguística, evitando o risco de determinar fronteiras muito rígidas entre as variedades rural e urbana. A autora caracteriza da seguinte forma a área rurbana:

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia seja pela absorção da tecnologia agropecuária. (2004, p. 52)

Segundo a autora, nesses falantes reconhecem-se os chamados traços graduais, que se caracterizam por terem uma distribuição descontínua nas áreas urbanas. Poderíamos neles reconhecer mesmo uma gradação, isto é, a presença desde construções muito estigmatizadas até outras consideradas padrão.

Bortoni-Ricardo (2005) refere que, geralmente, encontramos grandes diferenças entre o comportamento linguístico nas áreas rurais e urbanas. Na oposição rural vs. urbano, estas diferenças revelam um *continuum* linguístico de maior ou menor uso de variantes linguísticas não-padrão ou de variantes de prestígio social em comunidades com características mais rurais e em comunidades com menor nível de escolaridade. Nestas, há maior uso de variantes não-padrão do que em falantes de origem urbana ou

mesmo de “rurban” áreas. (Vieira & Bazenga, 2013). Deste modo, o uso de regionalismos, característico das variedades rurais e das populações menos escolarizadas e analfabetas, também ocorre nas zonas periféricas das grandes cidades, que são zonas de transição entre o rural e o urbano, tratando-se, muitas vezes, de imigração interna do meio rural para o urbano. Lesley Milroy (1987), sociolinguísta americana que se interessa por aspetos dialetológicos de variedades urbanas e rurais, dá ênfase à noção de “redes sociais”. Segundo a autora, “redes sociais” são redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida quotidiana, sendo constituídas por ligações de diferentes tipos, envolvendo graus de parentesco, amizade e ocupação. A autora mostra que redes de alta densidade e multiplexas tendem a manter o seu dialeto e a se mostrar resistentes à influência de valores externos, dados os fortes laços de solidariedade existentes entre os indivíduos, e a identificação dos mesmos com os valores sociais do grupo. Assim, as redes sociais densas são vistas como fatores conservadores fortes, travando a mudança linguística. O contrário ocorre com as redes sociais fracas, como é o caso da integração de indivíduos provindos de áreas rurais numa zona urbana, tendendo a perder traços muitas vezes sentidos como ruralismos, populismos ou arcaísmos. Pois, numa cidade, procura-se a aproximação do uso da língua à norma-padrão. A autora associa a ideia de rede social também aos conceitos de localismo e mobilidade. O localismo tem a ver com o sentimento do indivíduo em relação ao local em que vive: se ele o valoriza socialmente e demonstra um sentimento de pertença ao lugar, reforçando valores culturais e linguísticos da sua comunidade de fala, mesmo quando deslocado. Já a mobilidade diz respeito ao grau de deslocamento dos indivíduos, a partir do seu local de origem. Quanto maior for a mobilidade mais os indivíduos estarão sujeitos a adotar valores de outros grupos. O conhecimento da mobilidade e das redes sociais de familiares e contactos linguísticos com o meio rural possibilita o estudo de pequenos grupos sociais, linguístico-culturais, como é o caso de populações rurais deslocadas para a cidade, favorecendo a identificação de dinâmicas sociais que motivam a conservação ou a mudança linguística.

A mobilidade populacional dentro da ilha da Madeira é reduzida e limitada pela pequena área geográfica insular. Atualmente, com a grande mobilidade comunicacional (resultante do grande desenvolvimento das vias de comunicação), notamos cada vez mais que a distância entre áreas urbanas e rurais está a ser muito atenuada, tal como os estereótipos linguísticos. Na realidade, atualmente, no Arquipélago da Madeira, constatamos que o chamado regional e/ou popular faz cada vez mais parte integrante da identidade e da cultura madeirense, não só através da valorização da cultura popular e regional, genuína da ilha da Madeira, pela Secretaria Regional da Cultura e Turismo, através de eventos, atividades para os turistas nas ruas da cidade do Funchal; na publicidade, a promoção dos produtos regionais, usando muitas vezes o chamado “vilão”, figura do madeirense popular e/ou rural; a integração da música popular em festivais e eventos turísticos, nos hotéis e mesmo em cafés e bares (incluindo ambientes citadinos noturnos); lojas turísticas de venda de produtos regionais com nomes como *A Charola*, regionalismo madeirense que significa “armação de arame coberta de frutos e legumes, que o povo oferece à igreja, para leilão, pelas festas religiosas” (Sousa, 1950, p. 50); festas religiosas e arraiais, sobretudo nas áreas rurais, com comidas e bebidas populares ou tradicionais, como a *poncha* (bebida madeirense, feita de aguardente, limão e mel), com grande adesão dos jovens, que também está na moda na diversão noturna na cidade do Funchal; assim como a crise económica muito acentuada na região, com a perda de muitos empregos e a necessidade de regresso à agricultura como meio económico e de subsistência, valorizando o trabalho e a cultura rural.

Deste modo, observamos cada vez maior proximidade, conhecimento e valorização das áreas rurais em relação à área citadina, logo maior mobilidade lexical dos regionalismos entre o meio rural e o urbano e maior aceitação e integração destes

como sinal de pertença e afirmação da “regionalidade”, já não havendo tanto estigma ou estereótipo social da fala do “vilão” ou “campónio”. O nosso informante mais jovem referiu que há dez anos sentiu esse preconceito linguístico, quando veio viver e estudar para o Funchal. Hoje, notamos que os regionalismos são usados naturalmente, muitos são utilizados em contextos informais, com amigos e no registo familiar (variação estilística ou diafásica). Outros são usados a brincar ou em tom de brincadeira pelos jovens, com pendor regionalista conscientemente expressado. O informante 6, jovem que confessou ter sentido necessidade de se integrar na variedade urbana da cidade do Funchal, deixando de usar muitos regionalismos, a propósito do uso do vocábulo *atremar*, diz que já não usa tanto, “mas na brincadeira com os meus colegas eu uso: tu atremaste, assim naquela...”. Esta atitude revela que, apesar de ter deixado de usar o vocábulo madeirense no momento em que sentiu necessidade de integração na norma urbana, hoje já o utiliza na cidade, em tom de brincadeira com os amigos, sendo que alguns regionalismos são mesmo correntes ou comuns, o que revela o prestígio linguístico e social adquirido por eles. Estes perdem a marca de ruralidade, já não sendo estigmatizados na cidade do Funchal e passando a ser um marcador de identidade regional, linguística e cultural, dos falantes madeirenses, como é o caso do regionalismo *semilha*, que tem atualmente uma grande divulgação e aceitação social. O informante mais jovem, deslocado de uma área rural para a zona urbana da cidade do Funchal, a propósito da palavra *semilha*, declara: “semente que os madeirenses tão belamente puseram no vocabulário”. A informante adulta do sexo feminino refere que, quando esteve nos Açores, num evento desportivo, os madeirenses eram conhecidos e denominados de forma afetiva por *semilhinhas*. Assim, os regionalismos podem ser utilizados com valor afetivo num grupo de amigos ou entre grupos, como é o caso do encontro de grupos desportivos de várias regiões do país, onde há o uso de variantes regionais, ou seja, trocas linguísticas e culturais.

2. Metodologia de trabalho

Selecionámos cinquenta regionalismos relacionados com várias áreas temáticas do já referido glossário da dissertação de mestrado *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses* (a partir de agora denominado glossário) de Ana Cristina Figueiredo e elaborámos uma lista de palavras, constituída por esses vocábulos por ordem alfabética, que serviu de base ao nosso inquérito. Este continha um cabeçalho para recolha dos dados socioculturais dos inquiridos, variáveis externas ou independentes controladas (idade, sexo, escolaridade, naturalidade, residência e migração ou mobilidade), para posterior interpretação e discussão dos resultados obtidos. Procedemos à aplicação do inquérito, fornecendo os vocábulos e solicitando aos inquiridos para indicarem o(s) significado(s) e o uso ou desuso de cada um deles. Os falantes, muitas vezes, ao fornecerem os significados dos regionalismos testados dão-nos exemplos de uso que atestam a sua vitalidade, bem como uma grande riqueza lexical de formas derivadas, sinónimos e expressões relacionadas.

Na descrição dos materiais linguísticos recolhidos, para confirmar a regionalidade de algumas palavras e expressões, recorreremos ao *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, que regista muitos regionalismos identificados geograficamente como fazendo parte da variedade madeirense. Utilizámos a análise qualitativa (interpretação dos dados através da correlação entre a variação lexical e as variáveis sociais), mas também a análise quantitativa (percentagens dos regionalismos conhecidos e usados pelos informantes). Sabemos que não há como englobar todos os falantes de uma comunidade linguística, mas é muito importante que os informantes, selecionados aleatoriamente, sejam representativos da comunidade de fala a que pertencem. As pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que não há necessidade de amostras muito

grandes para se analisar fenómenos variáveis, embora seja fundamental a constituição de uma amostra com estratificação social dos informantes por células sociais (cada uma composta por indivíduos com as mesmas características socioculturais). Dada a limitação de espaço do presente trabalho, analisámos as respostas ao inquérito de seis informantes (3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino), distribuídos por 3 faixas etárias e por 3 níveis de escolaridade, residentes no Funchal, dos quais 3 nascidos no Funchal (2 com contactos linguísticos próximos com áreas rurais) e os outros três nascidos na ilha da Madeira (Machico, Santa Cruz e Estreito de Câmara de Lobos), correspondendo a 1 informante por tipo: um homem e uma mulher por cada faixa etária (dos 18 aos 35 anos, dos 36 aos 55 anos e dos 56 aos 75 anos), contemplando os diferentes níveis de escolaridade (escolarização básica, ensino secundário e ensino superior).

Assim, constituímos uma pequena amostra do universo da comunidade de fala do Funchal. Apesar da necessidade de alargar este estudo a mais informantes para confirmar os resultados obtidos, estes parecem ser representativos da realidade linguística e social atual da cidade escolhida para este estudo. Trata-se da capital do Arquipélago da Madeira, daí o interesse em testar a vitalidade dos regionalismos madeirenses junto da sua população. Como se trata de um local que reúne grande afluência de pessoas e diversidade de locais de origem dos seus habitantes, muitas vezes deslocados de áreas rurais para a área urbana, mantendo contactos linguísticos próximos com familiares (principalmente pais e avós) nos meios rurais, é relevante controlar a variável geográfica, ou seja, a origem rural ou os contactos linguísticos dos informantes com áreas rurais, além das variáveis sociais (sexo ou género, faixa etária e escolaridade).

Informante	Sexo e idade	Escolaridade	Localidade		Profissão e contactos linguísticos com áreas rurais
			Origem	Residência e local de trabalho	
1	F 65	4.ª Classe	Funchal	Funchal	Doméstica Alguns
2	M 69	4.ª Classe	Machico	Funchal (há 46 anos)	Mecânico Muitos com família em Machico
3	F 43	12.º Ano	Funchal	Funchal	Escriturária Muitos com família em Machico
4	M 42	12.º Ano	Santa Cruz	Funchal (há 20 anos)	Bombeiro Muitos com família em Santa Cruz
5	F 31	Licenciatura	Funchal	Funchal	Desempregada Nenhuns
6	M 22	Licenciatura	Estreito de Câmara de Lobos	Funchal (há 10 anos)	Estudante Muitos com família no Estreito de C ^a de Lobos

Quadro 1 – Perfil dos informantes

3. Descrição e interpretação dos dados

Após a recolha dos materiais linguísticos reunidos no *corpus*, constituído pelas respostas dos seis inquiridos, e para facilitar a apresentação e comparação dos dados, sistematizámos numa tabela as definições ou significados apresentados para cada um dos vocábulos, colocando entre parênteses os números identificativos dos informantes. Seguidamente, procedemos ao seu estudo, através da comparação das definições dadas no glossário com as respostas dos inquiridos.

Regionalismos	Definições dadas pelos informantes	Outros significados / Significado Padrão / Não conhece
Abrasar	Queimar o dinheiro (1, 2 e 3), gastar, espatifar o dinheiro todo (4)	Significado padrão: ficar quente, queimar (5 e 6)
Atremar	Compreender, entender, ouvir, perceber, escutar (1, 2, 3, 4 e 6)	Não conhece (5)
Azoigar / Azougar	Morrer (animais) e depreciativo para pessoas (1-6), <i>azagar</i> (4)	
Bábeda	Bexiga (1, 3, 4, 5 e 6), caroço na pele (2), borbulha (3), ferrúnculo, inchaço (4)	
Baboseira	Pessoa babosa, quer atenção, mimada (1, 3, 4 e 6), dar baboseira, muita atenção (2 e 5), um cão baboso ou meigo, meiguice (3)	
Babujinha/ Babuginha	Babujinha de água em qualquer lugar (1), estar no cascalho, perto da água (5)	Servir-se dos outros aproveitar-se (2), tá sempre na <i>babujinha</i> , andas na <i>babuja</i> , a <i>babujar</i> , não te mexes, viver à sopa, à custa dos outros, preguiçoso (4), à beirinha de qualquer coisa (3), <i>babujar</i> , meter água na boca (6)
Balamento	Brincar ao balamento na Páscoa, jogo pela Semana Santa, brincadeira da Páscoa (1, 2, 3 e 6)	Jogo das escondidas (4) / Não conhece (5)
Bilhardeiro/a	Pessoa que se mete na vida dos outros (1), falar da vida dos outros (2, 5 e 6), vida alheia, pessoa que gosta de saber e falar da vida alheia, fazer bilhardice (3), fofoqueira (4)	
Busico/ Buzico	Menino pequenino, pequeno, criança pequena (1, 2 e 5), criança ou animal pequeno (3 e 4)	Pessoa fraca (4), pequeno com sentido pejorativo (6)
Canjirão/ Cagirão	Chávena (1), canecas de folha (2), recipiente de folha de meio litro (3), cagirão para beber água, de metal, também para medir o leite (4), canecas de alumínio, jarro de alumínio ou de latão (6)	Não conhece (5)
Cangorra	Coisas mal arrumadas, que vão ou podem cair (2)	Carroça, gangorra, vem de canga (4) / Não conhece (1, 3, 5 e 6)
Catamulho	Inchaço (1, 3 e 4), uma pancada (2), um montículo, algo que está acima da superfície (6)	Coisas mais altas, pedras no chão (2), saliência de roupa ou de outra coisa (3), <i>molheilha</i> feita de saco no pescoço para transportar carga (4) / Conhece mas não sabe o significado (5)
Charnota	Pessoa de Câmara de Lobos (1 e 2)	Miúda bem vestidinha, bem arrajadinha, bonitinha (2), pessoa bem vestida, vaidosa (3), cagarela, cagado, cheio de medo e pessoa mal vestida (4) / Não conhece (5); conhece mas não sabe o significado

		(6)
Cramar	Queixar-se, lamentar-se (1, 3, 5 e 6), uma pessoa que tá sempre reclamando (2)	Pessoa que se queixa com dores, sofrimento (4)
Demitado	De propósito (1, 2, 3, 4), estar obrigado a ir ou fazer (6)	Não conhece (5)
Demoina		Pessoa que está sempre aborrecendo os outros (4) / Significado padrão: demónio ou demónia, mulher má, malvado, diabo (1, 2, 3, 4, 5 e 6)
Dentinho	Petisco, aperitivo, entrada (1-6)	Um dentinho de alho (1)
Desterrar	Gastar muito dinheiro (1-6), “Ela é muito <i>desterradeira</i> ” (4)	
Embeaçado	Pessoa sem dinheiro (1-4), “estar espetado” (4)	Significado padrão: apaixonado, que se apaixona muito, estar ou ficar enamorado facilmente (5 e 6)
Escadinha		Família com muitos filhos com a diferença de um ano (4); banquinho (4) / Significado padrão: escada pequena (1-6)
Escafiar	“Pessoa que não para de limpar” (1), “pôr a roupa bem engomada ou sapatos bem limpos” (2) “limpar” (3 e 4), “pessoa escafiada, asseada” (4)	Mexer, masturbar-se (4) / Não conhece (5 e 6)
Fertuadela	É um repuxar na pele, não é bem dor (1), dor numa parte do corpo (2)	Não conhece (3-6)
Festa	Natal (1-4 e 6)	Todas as festas (1-6)
Grade / Grádia	Cão (2 e 6), vadio, sem destino (6)	Significado padrão: vedação ou grade de cerveja (1-5)
Grima		Pequeno ladrão, <i>grimar</i> é roubar (2) / Não conhece (1, 3, 4, 5, 6)
Impliquento	Implicar constantemente, implicar com tudo (1-6), sempre a chatear (5)	
Lagaceira	Deitar muita água no chão (1-4 e 6)	Conhece mas não sabe o significado (5)
Lapinha	Presépio (1-6)	Árvore de Natal ou pinheiro (4)
Malcriação		Significado padrão: má-educação ou má-criação (1-6)
Mamolhão / Mamulhão	Inchaço (de pancada), edema, hematoma (1, 3, 4), Caroço quando alguém se magoa (2), galo na cabeça (6)	Não conhece (5)
Matracada	Barulho (1, 3, 4), matraca, uma mulher que está sempre a falar, pessoa que não consegue ficar calada (2 e 4)	Bater (5), falar muito ou assunto repetido várias vezes (6)
Modilho	Fazer gestos por trás de uma pessoa (1, 5 e 6), gestos malcriados (2), gesto provocatório (3 e 4)	
Nojência	Pessoa suja, sujidade, nojento, que mete nojo (1, 2, 3, 4), <i>nojentice</i> (3 e 6)	Mau cheiro (4) / Não conhece (5)
Ontrodia	Anteontem (1), coisas que se passaram há tempos, a semana passada, aquintrodia (2 e 6), há dias (3 e 4)	Não conhece (5)
Pancume	Porrada (1-4 e 6)	Não conhece (5)
Patinhar	Pisar, apatanhar, pôr o pé em cima (1-6)	
Rebendita	Rebenditar, estar sempre a fazer coisas más que outra pessoa não goste (1), fazer de propósito uma maldade” (2 e 3), fazer alguma coisa com intenção de vingança (4, 5 e 6), <i>arrabendita</i> (4)	
Refundiar	Mexer nas gavetas (1), mexer dentro dos bolsos (2), procurar, vasculhar, remexer (3 e 4), pessoa que mexe em tudo, “Aquilo é uma <i>refundiadeira</i> ” (3)	Mexer num lugar que não lhe diz respeito, tentar descobrir coisas (5) / Não conhece (6)

Relinga	Discutir, não é bem brigar (1 e 2), briga, quezília (3 e 4)	<i>Relingar, relingão</i> , pessoa que critica tudo, pessoa peganhenta, sempre a relingar, a pegar com tudo, <i>impliquento</i> , que implica e complica (4), sempre a lamentar-se, a <i>cramar</i> , pessoa irritante (6) / Não conhece (5)
Resondar / Rezondar	Brigar acerca de <i>bilhardices</i> (1, 2 e 5), maltratar, criticar alguém (3), dar uma <i>resonda</i> , repreensão (4)	Praguejar e dizer mal de tudo, dizer coisas feias (6)
Revéspera	É a revéspera de Natal, o dia 23 de dezembro (1), revéspera de qualquer festa (2), antevéspera, antes da véspera (3 e 4)	Não conhece (4 e 5)
Semilha	Batata (1-6), os madeirenses são conhecidos por semilhinhas (3), alimento que se assemelha à batata-doce, daí semilha por ser semelhante (4)	
Soquete	Tirar uma coisa a alguém com um empurrão (2), puxão, por exemplo para arrancar um dente (3), esticção repentino, puxão rápido ou inesperado, vem de socar, de soco, agressão (4)	Significado padrão: soco (1 e 5) / Não conhece (6)
Stefan	O pneu de reserva (2) ou <i>sobesselente</i> (4)	Não conhece (1, 3, 5 e 6)
Tarraço	Bêbado, pessoa bêbada, pessoa que bebe muito (1-6), que <i>desterra</i> o dinheiro todo na bebida (4)	Pessoa suja, perdida (3)
Trapiche	Casa dos loucos (1, 3, 4 e 5), louco (2 e 6), confusão, discussão (3 e 4), desarrumação, desorganização: “Esta casa é um trapiche”; <i>trapicheiro</i> e <i>trapicheira</i> , pessoa que vive no meio da desarrumação, desorganização (3), <i>trapichento</i> (4)	
Tratuário	Passeio (1-5), nome de pedra que se põe na berma da faixa de rodagem (4)	Não conhece (6)
Vaginha	Feijão-verde (1-6), feijão <i>tenlro</i> (4)	
Vestuário	Armário de pôr a roupa (1-6)	
Zaralho	Pessoa mal-arranjada (1-3)	Pessoa perdida, que anda às voltas, a <i>zaralhar</i> , que não sabe o que fazer ou o que está fazendo (4) / Não conhece (5 e 6)

Quadro 2 – Regionalismos e respetivos significados

“**Abrasar** (de *a* + *brasa* + sufixo *-ar*). Gastar sem proveito. Desterrar dinheiro ou outros bens materiais em excesso, sem necessidade. Esbanjar.”: os informantes 1 e 2, os mais idosos, apresentaram dois significados, o regional e o do Português padrão. Os informantes adultos (3 e 4) indicam apenas o significado regional solicitado, enquanto os informantes 5 e 6, por serem os mais jovens, não conhecem a palavra como regionalismo semântico, dando, por isso, o significado padrão. Estes são os únicos que não usam a palavra com a aceção regional.

“**Atremar** (Por met. de pref. *a-* + *termo* + sufixo *-ar*). 1. Captar e reconhecer sons através do aparelho auditivo. Ouvir. 2. Perceber o que significa, aprender alguma coisa intelectualmente. Compreender.”: só a informante 5, jovem nascida no Funchal sem contactos linguísticos com as áreas rurais, não conhece este vocábulo. Todos os outros conhecem o seu significado, mas dizem não usar a palavra.

“**Azoigar / azougar** (de *azougue* + sufixo *-ar*). 1. Deixar de viver, tratando-se de animais. 2. Depreciativo. Perder a vida, tratando-se de humanos. Morrer.”: o informante

4 atesta a variante fonética *azagar*, que resulta da transmissão oral desta forma linguística. Todos os informantes conhecem este regionalismo, mas apenas os informantes 2 e 6 dizem usar a palavra.

“**Bábeda** (talvez de *pápula*). Dem. Pequena elevação na pele, de aspeto avermelhado e consistência dura, acompanhada, por vezes, de prurido. Borbulha”: apenas o informante 6 diz não usar a palavra, apesar de conhecer bem o seu significado, talvez por ser o mais sensível à pressão social da norma urbana e ao prestígio linguístico das palavras.

“**Baboseira** (de *baboso* + sufixo *-eira*). Carinho ou cuidado, normalmente exagerado, com que se trata alguém. Mimo.”: palavra com grande vitalidade, pois todos os informantes conhecem e usam este regionalismo. A informante 3 dá o significado de *baboso/a*, “pessoa com mimo, meiga, babosa”, exemplificando o uso, “um cão baboso, meigo”, e explicitando o conceito com um dos sinónimos existente na língua padrão “meiguice”.

“**Babuginha/babujinha** (de *babuja* + sufixo *-inha*). O mesmo que *babuja* (de *babugem*). Zona da orla marítima banhada pela água do mar, onde a profundidade é muito reduzida. Estar ou andar à babuja, estar na zona de menor profundidade do mar, junto à costa.”: palavra com oscilação na representação gráfica do som sibilante palatal sonoro que pode ser grafado de duas formas alternativas. Os informantes 1, 3 e 5 mencionaram o mesmo significado que aparece no glossário, por oposição aos informantes do sexo masculino (2 e 4, idoso e adulto), que apresentaram uma interpretação diferente, embora com relação semântica com a primeira aceção, apontando a expressão “andas na babuja” que significa “estar sempre à beira dos outros para aproveitar-se deles”. Barcelos (2014, p. 71) regista a expressão “andar à babuginha” com o significado de ‘andar na boa vida, sem nada fazer’, expressão figurada de “andar à babuja”, ‘andar à tona de água’, muitas vezes falando-se de peixes. Assim, esta palavra apresenta variantes semânticas em competição, pois além do significado registado no glossário “à beira da água do mar”, significa “viver se aproveitando dos outros” e “preguiçoso”, com a forma verbal *babujar*, “(tás sempre) a babujar”, ou seja, “não te mexes”, enquanto na norma padrão significa “sujar de baba” e “adular” (sentido figurado). A explicação para esta diferença pode estar no facto de os dois primeiros inquiridos terem nascido no centro do Funchal, que fica à beira-mar, e os informantes 2 e 4 terem nascido, respetivamente em localidades de Machico e de Santa Cruz, longe do mar. Por este motivo, este vocábulo pode ter sofrido uma variação semântica nas zonas da Madeira que se localizam longe do mar. Confirmando esta análise, observamos que o informante 6, jovem oriundo do Estreito de Câmara de Lobos (longe do mar), não a conhece, apesar de apresentar um conceito que tem a ver com água, “babujar, meter água na boca”, que, possivelmente, poderá ser um outro significado regional, uma vez que não aparece nos dicionários da Língua Portuguesa. Apenas os informantes 3 e 6 dizem não usar a palavra.

“**Balamento** (de *belamente*). O mesmo que *belamente* (talvez de *bela* + *mente*). Jogo que decorre durante as semanas da Quaresma, terminando no Sábado de Aleluia. É jogado normalmente entre duas pessoas que tentam surpreender-se mutuamente, em determinadas partes do dia, previamente combinadas, tentando cada uma ser a primeira a dizer à outra a palavra que dá nome ao jogo. O jogador que ganhar mais vezes recebe do outro como prémio as amêndoas da Páscoa.”: esta palavra, embora seja reconhecida pela maior parte dos informantes, já não é usada por eles.

“**Bilhardeiro, -a** (de *bilhardar* + sufixo *-eiro*). 1. Que é muito falador. Conversador. 2. Que conversa acerca de assuntos que não lhe dizem respeito, comentando a vida alheia e revelando, por vezes, pormenores sigilosos. Bilhardeiro.”: palavra que apresenta grande vitalidade, sendo usada por todos os informantes. Figueiredo (2004) regista também a palavra *bilhardice* (de *bilhardar* + sufixo *-ice*), mencionada pela informante 3 e que também ocorre na noção de *resondar* dada pelo informante 2, “brigar acerca de *bilhardices*”. O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* regista estas duas formas como regionalismos, sem referência à região da Madeira, indicando a origem de *bilhardar*, o mesmo que “bisbilhotar”, “bisbilhotice”.

“**Busico, -a / buzico, -a** (Etim. de orig. obsc.). Que não cresceu ou não se desenvolveu; criança ou animal pequeno.”: palavra que apresenta variação gráfica na representação do som sibilante alveodental sonoro. O informante 4 acrescenta a aceção de “pessoa fraca”, variante semântica por analogia ou sentido figurado. Curiosamente, apenas os informantes 4, 5 e 6, o adulto do sexo masculino e os mais jovens, dizem usar a palavra.

“**Cagirão / canjirão** (Etim. Orig. controvers.: para Nasc. de um der. do lat. *congius*, *ii* ‘medida de capacidade para líquidos (vinho)’; segundo Nei Lopes, do quicg. *Kangilu* ‘tacho’). Pequena vasilha de barro, de folha ou de outro material, normalmente com uma ou duas asas.”: palavra que apresenta variação fonética e gráfica. Apesar de reconhecida pela maior parte dos informantes, esta palavra já não é usada por nenhum deles porque o referente desapareceu quase completamente.

“**Cangorra** (Etim. Orig. obsc.) Pilha de objetos ou móveis, sobrepostos sem segurança.”: o informante 2, idoso e natural de Machico, foi o único que forneceu um conceito para esta palavra, correspondendo ao do glossário, sendo o único que diz usá-la, enquanto o informante adulto masculino, natural de Santa Cruz, deu um significado diferente, “carroça, gangorra, vem de canga”, provavelmente por confusão ou associação a canga (carro de bois). Os outros inquiridos não conhecem a palavra.

“**Catamulho** (Prov. de *mamulho*). Aumento de volume de alguma parte do corpo, que adquire, normalmente, uma cor negra ou azulada. Excrecência, inchaço, mamulho.”: além do significado registado no glossário, o informante 2 define como “coisas mais altas, pedras no chão”, enquanto a informante 3 designa como “saliência de roupa ou de outra coisa” e o informante 4 deu como definição um sinónimo, *molheilha*, que corresponde a uma outra aceção, “saco no pescoço para transportar carga”. Este termo já se encontra registado como regionalismo madeirense, nomeadamente no *Vocabulário Popular da Madeira* (1950) e no glossário denominado “Vocabulário e expressões do Norte da ilha” de Marques da Silva, onde é definido como “chumaço usado para tornar menos duro o contacto da carga com o ombro; capuz de saca colocado por trás do pescoço.” (1985, p. 205). Apenas a informante 1 não usa a palavra *catamulho* e a informante 5 não conhece o seu significado.

“**Charnota** (Etim. Orig. obsc.) Gent. Deprec. Que é natural ou habitante de Câmara de Lobos. Câmaralobense, Deprec. chavelha, pesquito.”: este vocábulo apenas foi identificado com o conceito do glossário pelos dois informantes idosos. O informante 2 confundiu a palavra com *janota*, o que também parece acontecer com a informante 3 (tendo em comum contactos linguísticos com a área rural de Machico). O informante 4 dá um significado completamente diferente e precisamente oposto a *janota*, cuja motivação por analogia poderá estar relacionada com o significado original, pelo facto de como habitante de Câmara de Lobos já ter um valor depreciativo, daí o

significado de pessoas “mal vestidas” e talvez também o valor figurado de “cagarela, cagado, cheio de medo”. Esta variação semântica ou polissemia ocorre quando os informantes, além do significado registado no glossário, acrescentam novos significados, geralmente por analogia (sentido figurado) ou mesmo por confusão com uma palavra semelhante foneticamente, como parece acontecer no caso das variantes semânticas de *charnota*. O informante 6, jovem do Estreito de Câmara de Lobos, conhece a palavra mas não sabe o seu significado. O vocábulo parece estar em desuso, pois nenhum dos informantes diz usá-lo, talvez porque existem outras palavras com o mesmo significado que são mais correntes, como *chavelha* e *pesquito*.

“**Cramar** (de *clamar*). Lamentar a sua situação ou a sua sorte diante de outras pessoas. Queixar-se, lastimar-se, reclamar.” (a autora acrescenta que este vocábulo também é utilizado nos Açores): palavra que apresenta grande vitalidade, pois é usada por todos os informantes. O informante 4 acrescenta um novo significado, “dor, sofrimento”.

“**Demitado** (De *limitado*). Que tem a intenção exclusiva de concretizar determinado objetivo. Determinado. Expressamente, propositadamente.”: só a informante 5, jovem natural do Funchal, sem contactos linguísticos com áreas rurais, não conhece a palavra. Todos os outros dizem usá-la.

“**Demoina** (de *demónia*, fem. de *demónio*). 1. Mulher de mau carácter e que pratica o mal. Demónia. 2. Estado de agastamento normalmente provocado por alguma contrariedade. Cólera, irritação, zanga.”: trata-se de uma corruptela ou variante popular de *demónio*, mas é um regionalismo semântico, pois além do significado do léxico padrão, “pessoa ruim ou travessa”, significa também “cólera, irritação, zanga”, embora nenhum dos informantes tenha dado esta aceção regional, indicando apenas a aceção padrão, dado que desconhecem a aceção regional. Todos dizem não usar esta palavra.

“**Dentinho** (de *dente* + sufixo *-inho*). O mesmo que *dente*. Petisco (azeitonas, salgadinhos, tremoços), servido habitualmente para acompanhar a bebida. Acepipe, aperitivo, isca.”: este vocábulo apresenta grande vitalidade, sendo usado por todos. A informante 1 diz usar também como “dentinho de alho”.

“**Desterrar** (de pref. *des-* + *terra* + sufixo *-ar*). Gastar excessivamente, sem necessidade. Desbaratar, esbanjar, malbaratar.” (a autora do glossário regista também as formas *desterradeiro*, *-a*; *desterrador* e *desterro*): o informante 4 exemplificou o uso deste regionalismo com a forma derivada por sufixação *desterradeira*, na frase “Ela é muito *desterradeira*.”, designando uma mulher que desterra o dinheiro todo indevidamente ou sem necessidade. Esta palavra apresenta grande vitalidade, sendo usada por todos.

“**Embeçado** (do part. pas. do v. *embeçar*). Que anda sem dinheiro. Teso.”: os informantes mais idosos e os adultos (1, 2, 3 e 4) deram uma definição que corresponde à do glossário, mas dizem não usar a palavra. O informante 4 indicou a expressão “estar espetado”, como sinónimo de “embeçado” ou “teso”. Por sua vez, os informantes 5 e 6, os mais jovens, expuseram uma aceção diferente, mas que coincide com o significado padrão de embeçado, “enamorado, que se apaixona muito”, registado nos dicionários da Língua Portuguesa.

“**Escadinha** (de *escada* + suf. *-inha*). Presépio típico da Madeira, que apresenta a forma de uma pequena escada, geralmente com três ou cinco degraus, encimada por

uma imagem do Menino Jesus, em pé, com um vestido branco, em cima de um pequeno trono e rodeada por um arco de flores de papel e outro maior de alegra-campo, ladeado por duas jarras com junquinhos. Nos degraus colocam-se os melhores frutos que a terra produziu, as searinhas e, nas beiras, ouriços de castanha, para inibir as crianças de mexer.”: para este regionalismo nenhum dos informantes referiu a aceção do glossário, talvez pelo facto de o vocábulo estar descontextualizado, ou seja, sem referência ao Natal, mas também por este tipo de presépio ser cada vez menos frequente na Madeira. Apenas a informante 1, a mulher mais velha, a propósito de *lapinha* refere a palavra *escadinha* com o significado regional. Por se tratar de um regionalismo semântico, todos os informantes transmitiram o significado padrão ou, no caso do informante 4, uma variante semântica, por analogia, “conjunto de filhos com a diferença de um ano que formam uma escadinha”, significado comum ao Brasil (segundo o *Dicionário Priberam*), acrescentando ainda a aceção de “banquinho”.

“**Escafiar** (Etim. orig. obsc.) Eliminar a sujidade, com esmero e em pormenor. Limpar.”: dos informantes que conhecem a palavra, apenas a informante 1 diz usá-la. O *Dicionário Priberam*, além do significado padrão (informal) “usar ou gastar muito, estragar”, regista este vocábulo como regionalismo da Madeira, com o significado de “limpar ou esfregar muito bem”. O informante 4 (masculino e adulto) define a palavra dando o significado de *escafiado*, “pessoa escafiada, asseada”, ou seja, muito limpa. Este informante indica ainda uma outra aceção ou variante semântica, “mexer, masturbar-se”. O *Dicionário Priberam* não regista o termo *escafiado* com o sentido regional.

“**Fertuadela** (de *furtadela*). Dor forte, repentina e passageira. Picada.”: com a variante fonética *fortuadela*, segundo Barcelos (2014, p. 273), que nos informa que este vocábulo também é usado nos Açores (em S. Miguel) com o mesmo significado. Cabral do Nascimento em “Existem palavras e locuções Madeirenses?”, a propósito da publicação do vocabulário de Luís de Sousa, *Dizeres da ilha da Madeira*, diz que este vocábulo e muitos outros não são particulares da Madeira, sendo também usados no Norte e/ou Sul do país. No entanto, a palavra pode já ter caído em desuso nas outras regiões do território português, tal como parece estar a acontecer na Madeira. Apenas os dois informantes idosos conhecem este vocábulo, apresentando uma definição coincidente com a do glossário, e dizem usá-lo.

“**Festa** (Do lat. *feſta*, pl. de *feſtum*). Celebração, entre os cristãos, do nascimento de Jesus Cristo, a 25 de dezembro. Natal.”: todos os informantes referiram o Natal, com exceção da informante 5, a jovem do Funchal, que referiu o significado da palavra apenas como “uma festa qualquer”. Todos dizem usar a palavra para todas as festas (significado padrão). Trata-se de um regionalismo semântico com especialização na Madeira, designando o Natal, sobretudo nos meios rurais, por ser um dos únicos momentos do ano em que se comia e se bebia com fartura, muito graças à morte do porco.

“**Grade / grádia** (do lat. *crates*, is ‘caniço, grade de canas ou caniços entrelaçados, cerca’). 1. Animal mamífero doméstico, da família dos canídeos. Cão. 2. Termo insultuoso dirigido normalmente às pessoas ociosas, que passam muito tempo na rua sem fazer nada. Vadio.” (a autora indica que a variante gráfica e fonética *grádia* é mais frequente na oralidade): os informantes 2 e 6, curiosamente o mais velho e o mais jovem, originários de localidades fora do Funchal, definem *grade* tal como o glossário de regionalismos, “cão” e “vadio”, e dizem usar a palavra. Ao contrário dos outros

informantes, que conhecem o vocábulo apenas com o significado padrão, desconhecendo a aceção regional.

“**Grima** (Etim. Prov. gót. **grimms* ‘horrível’). Entidade que personifica o mal. Demo, demónio, diabo, Santanás.”: este regionalismo é, entre os selecionados, o mais controverso. Pois, além de só o informante 2, o mais velho e oriundo de Machico, dizer conhecer a palavra, expõe o significado de “pequeno ladrão”, acrescentando que “*grimar* é roubar” e confessando não usar a palavra. Esta aceção não corresponde à do glossário, sendo uma possível variante semântica. Parece tratar-se de um vocábulo caído em desuso. Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, *grima* significa “antipatia, ódio” e, em Trás-os-Montes, “pavor, terror”.

“**Impliquento** (de *implicar* + suf. *-ento*). Que embirra com as outras pessoas por tudo e por nada. Implicante, implicativo, implicatório.”: todos conhecem a palavra e apenas o informante 6 diz não usar o vocábulo na sua variante regional.

“**Lagaceira** (de *lago* + *-aça* + *-eira*). Grande quantidade de água espalhada pelo chão ou contida em poças. Aguaceira.”: os informantes mais velhos e os adultos conhecem e usam a palavra. Apenas os mais jovens não sabem o significado e/ou não a usam.

“**Lapinha** (de *lapa* ‘rocha, gruta’ + suf. *-inha*). 1. Presépio típico madeirense, feito em forma de escadinha. 2. Qualquer tipo de presépio, escadinha, rochinha ou outro.” (a autora acrescenta que Morais regista a palavra com a mesma aceção sem classificá-la como regionalismo. Indica também que, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, este nome também existe no Nordeste brasileiro com o mesmo significado): todos os informantes conhecem e usam a palavra. O informante 4, por extensão semântica, definiu a palavra também como “árvore de Natal ou pinheiro”, juntamente com o presépio tradicional madeirense.

“**Malcriação** (de *mal* + *criação*). Atitude que revela falta de educação e desrespeito pelas regras da normal convivência social, em especial por parte das crianças. Birra, má-criação.”: na língua padrão *má-criação* é o comportamento de “quem não respeita as regras de educação ou de vida em sociedade”. Na Madeira, por extensão semântica, significa também “birra”, no entanto os informantes apenas indicaram o uso da palavra com o significado padrão.

“**Mamolhão / mamulhão** (de *mamolho / mamulho* + suf. *-ão*). O mesmo que mamulho. Protuberância resultante de contusão. Excrescência, inchaço.”: a palavra apresenta variação gráfica. Apenas a informante jovem do Funchal não conhece o vocábulo e o informante masculino e idoso diz não o usar, talvez por trabalhar há muitos anos no Funchal e por se ter integrado na variedade urbana, deixando de usar estas formas mais marcadas como rurais e/ou populares.

“**Matracada** (de *matraca* + suf. *-ada*). Som desagradável ao ouvido e incomodativo. Barulho, estrépito, ruído.”: os informantes 1, 3 e 4 indicam o conceito de “barulho, ruído”, que corresponde ao do glossário, sendo um regionalismo porque esta forma não está registada no léxico padrão. Os outros informantes indicaram a definição de *matraca*, palavra do léxico padrão, característica da linguagem informal, também derivada de *matracar*, com idêntica motivação semântica, ou seja, por analogia com o “instrumento de pau usado para fazer ruído”, donde “pessoa muito faladora e boca”. A informante 5 associa a palavra a “bater”. Os informantes 2 e 6 dizem não usar a palavra,

talvez por serem os dois que sentiram maior necessidade de integração na norma urbana.

“**Modilho** (de *moda* + suf. *-ilho*). Trejeito do rosto, por vezes acompanhado de gestos, feito de forma intencional, a fim de alterar a expressão facial, de forma a provocar o riso. Careta, esgar, momice, fazer modilhos.”: todos os informantes conhecem a palavra, mas apenas os mais velhos dizem usá-la.

“**Nojência** (de *nojo* + suf. *-ência*). Coisa ou atitude que causa repugnância. Nojeira, nojo, porcaria.”: apenas a informante 5 diz não conhecer a palavra e o informante 6, apesar de conhecer, diz não usar, referindo a palavra *nojentice* (nome deadjetival de *nojento* + *-ice*), tal como a informante 3, que parece ser também uma forma regional. Trata-se de variantes morfológicas, ou seja, diferentes formas derivadas em competição.

“**Ontrodia** (Aglut. da loc. adv. *no outro dia*). O mesmo que *aquintrodia*. Expressão que indica uma ideia de passado recente. Aqui há dias, há algum tempo atrás, há tempos.”: apenas a informante 5 não conhece a palavra. Os outros conhecem, mas só a mulher mais velha diz usá-la, talvez por ser doméstica, conservando o uso da palavra por ter poucos contactos linguísticos.

“**Pancume** (de *panca* + suf. *-ume*). Agressão física repetida e insistente feita a alguém. Pancadaria.”: todos conhecem e usam a palavra menos o informante 5 que diz não a conhecer.

“**Patinhar** (de *pata* + *-inha* + suf. *-ar*). Pôr os pés sobre alguma coisa ou sobre alguma parte do corpo de outra pessoa. Calcar, pisar.”: todos os informantes conhecem e usam a palavra. O *Dicionário Priberam* regista o vocábulo como sendo regionalismo da Madeira, com o significado de “pisar, calcar”.

“**Rebendita** (de pref. *re-* + *bendita*). Ato feito com propósito de represália. Maldade, retaliação, vingança.”: todos os informantes conhecem e usam a palavra. A informante 1, idosa do sexo feminino, refere o verbo *rebenditar* como “estar sempre a fazer coisas más que o outro não goste”, forma não registada no glossário, mas que estará na origem da formação do nome *rebendita*, por derivação regressiva. Poderá ser um arcaísmo caído em desuso e conservado na região, embora não se encontre registado no *DRA* (que vai só até à letra p). O informante 4 usa a variante fonética *arrabendita*.

“**Refundiar** (de pref. *re-* + *fundo* + suf. *-ar*). Procurar alguma coisa em gavetas, armários ou outros locais e deixar tudo desordenado. Desarrumar.”: todos os informantes conhecem e usam a palavra, com exceção do informante 6, que diz não a conhecer. A informante 3 indica a forma derivada por sufixação *refundiadeira* (de *refundiar* + sufixo *-(d)eira*), no exemplo de uso “Aquilo é uma refundiadeira”, “pessoa que mexe em tudo”, vocábulo não registado no glossário.

“**Relinga** (do fr. *ralingue*, do neerl. *ralik*). Pequena discussão, conflito ou desentendimento. Briga, contenda, querela, zanga.” (a autora regista também a forma verbal *relingar*): os informantes mais idosos e os adultos deram um significado idêntico ao do glossário. É importante salientar que o informante 4, adulto do sexo masculino, oriundo do sítio dos Moinhos (zona rural do concelho de Santa Cruz), exemplifica o uso do regionalismo, apresentando na sua resposta também a forma verbal *relingar* e a forma derivada por sufixação *relingão*, dando como sinónimo “pessoa peganhenta”

(“sempre a relingar, a pegar com tudo”) e *impliquento*”. O conceito da palavra questionada é dado através de outros regionalismos, formas derivadas e sinónimos. É muito interessante registar a ocorrência da forma derivada *relingão*, não registada no glossário, que atesta a produtividade lexical e, consequentemente, alguma vitalidade da palavra *relinga*. O informante mais jovem, oriundo do Estreito de Câmara de Lobos, explicita o conceito “sempre a lamentar-se, a cramar, pessoa irritante”. A informante 5, mais jovem e nascida no centro do Funchal, não conhece o vocábulo. Apenas os informantes 1, 2 e 4 dizem usar esta palavra.

“**Resondar / rezondar** (de *desonrar*). Censurar alguém, normalmente de uma maneira exaltada, por ter procedido mal. Admoestar, repreender.” (a autora regista também a forma *resonda / rezonda*): todos os informantes conhecem e usam esta palavra. O informante 4 indica também o uso da palavra derivada regressiva *resonda*. Poderá ser um arcaísmo desaparecido da norma padrão, embora não esteja registado no DRA.

“**Revéspera** (de pref. *re-* + *véspera*). O dia que precede a véspera de determinado acontecimento. Dia anterior à véspera de Natal.”: os informantes idosos e os adultos deram um conceito idêntico ao do glossário, no entanto verifica-se que os informantes 1, 3 e 4 referem-se apenas à *revéspera* de Natal, enquanto o informante 2 explicitou ser a *revéspera* de qualquer acontecimento. Apenas os informantes mais velhos usam a palavra e os mais jovens não a conhecem.

“**Semilha** (do cast. *semilla*, semente). Tubérculo comestível que se desenvolve debaixo da terra. Batata.” (a autora regista também as formas derivadas por sufixação *semilhal* e *semilheira*): todos os informantes conhecem e usam a palavra. O *Dicionário Priberam* diz ser um regionalismo da Madeira (do espanhol *semilla*, semente). Neste caso, trata-se de uma inovação lexical que surgiu na ilha da Madeira do contacto com outras línguas, nomeadamente com o espanhol.

“**Soquete** (de *soco* + suf. *-ete*). Ato de puxar ou empurrar violentamente alguma coisa ou alguém. Gesto sacudido e brusco. Empurrão, esticção, puxão, repelão.”: os informantes 2, 3 e 4, o mais idoso do sexo masculino e os dois adultos, apresentam uma aceção coincidente com a do glossário. As informantes 1 e 5, naturais do Funchal com poucos ou nenhuns contactos com áreas rurais, apresentaram o sentido usual dos dicionários (‘soco aplicado com pouca força’). O informante 6, o mais jovem, diz não conhecer a palavra.

“**Stefan** (do ingl. *Stepney* ‘roda sobresselente de marca inglesa criada por volta de 1914-18’). Pneu de reserva que existe nos automóveis, destinado a substituir, em caso de necessidade, algum dos que estão a ser usados. Sobresselente.”: os informantes 2 e 4 foram os únicos que deram um significado equivalente ao do glossário e dizem usar o vocábulo, o que possivelmente se deve ao facto de os dois terem conhecimentos mecânicos. Os outros inquiridos desconhecem a palavra.

“**Tarraço, -a** (de *tarro* ‘vasilha, vaso’ + suf. *-aço*). Que está sob o efeito de bebidas alcoólicas. Que se embriaga com muita frequência. Bêbado, embriagado.” (a autora acrescenta que, segundo Higino Vieira, 1939, é frequente a expressão “bêbado tarraço”, aplicada aos bêbados incorrigíveis): todos os informantes conhecem e usam a palavra, o que denota grande vitalidade desta, significando “bêbado perdido”, “completamente alcoólico”. A informante 3 indica um novo significado, por extensão

semântica do primeiro, “pessoa suja, perdida”. É curioso notar como a expressão “bêbado tarraço” foi reduzida apenas à palavra *tarraço*, com o mesmo significado.

“**Trapiche** (do cast. *trapiche*, alteração moçárabe do lat. *trapetus* ‘moinho de azeite’). 1. Engenho rudimentar constituído por cilindros feitos habitualmente de troncos grossos de til, onde, em tempos antigos, eram moídas as canas-de-açúcar, na Madeira. 2. Top. Nome de um sítio na zona alta de Santo António, no Funchal. 3. Casa de saúde de S. Joao de Deus, para doentes mentais do sexo masculino, situada no sítio do Trapiche, em Santo António, no Funchal. 4. Hospital psiquiátrico. 5. Comportamento perturbado ou demasiado barulhento. 6. Local onde há muita confusão e ninguém se entende.”: todos os inquiridos conhecem e usam a palavra. A informante 3 (adulta do sexo feminino) referiu a forma derivada *trapicheiro/a*, com o sentido de pessoa que vive em meio à desarrumação ou desorganização (na confusão material e psíquica), e o informante 4 (também adulto, do sexo masculino) mencionou a variante morfológica *trapichento*, com o mesmo significado. Esta produtividade lexical indica grande vitalidade da palavra. O *Dicionário Priberam* regista os termos *trapiche* e *trapicheiro*, mas não com o significado atual da Madeira. Barcelos (2014, p. 66) regista a palavra *atrapichado*, definindo-a como “sobrecarregado, com muitos afazeres (part. pass. de *atrapichar*)”, aceção semântica que tanto pode ser motivada pelo facto de, na sua forma primitiva, na Madeira, denominar um moinho de moer cana-de-açúcar, mas sobretudo talvez com a aceção mais recente de “casa de saúde mental”, pois uma pessoa atarefada, com muitos afazeres, fica *trapicheira*, com tendência para a desordem, loucura, pois já não consegue dar conta de tudo, tornando-se uma pessoa *trapichenta*.

“**Tratuário** (do fr. *trottoir*). Faixa existente normalmente na berma das estradas, mais elevada em relação a estas e que é destinada à circulação de peões. Passeio.”: apenas o informante 6 não conhece a palavra, mas só os falantes mais velhos dizem utilizá-la. O *Dicionário Priberam* regista este vocábulo como regionalismo da Madeira.

“**Vaginha** (de *vagem* + suf. *-inha*, do lat. *vagina* ‘estojo que contém grãos, invólucro, casca’). Vagem tenra de feijão, de cor verde, em que as sementes ainda não se desenvolveram e que é usada na alimentação geralmente cozida ou em sopa. Feijão-verde.”: todos os informantes conhecem e usam esta palavra. O *Dicionário Priberam* regista-a como regionalismo da Madeira (de *vagem* + *-inha*).

“**Vestuário** (do lat. med. *vestuarium*, por *vestiarium* ‘traje, roupa’). Armário utilizado para guardar roupas. Guarda-fatos, roupeiro.”: todos os informantes conhecem e usam esta palavra com o significado regional. O *Dicionário Priberam* também regista o significado da palavra como regionalismo da Madeira.

“**Zaralho, -a** (der. regress. de *zaralhar*). Pessoa que se apresenta mal, que é desarrumada. Desajeitado, desleixado, desordenado.”: apenas os informantes mais jovens não conhecem nem usam esta palavra. O informante 4 dá uma aceção diferente “pessoa perdida, que anda às voltas” (desorientada), com relação semântica (sentido figurado) com a primeira, indicando a forma verbal *zaralhar*, “que não sabe o que fazer ou o que está fazendo”, também registada no glossário com o mesmo significado, remetendo para o “Vocabulário do dialecto madeirense” de Vieira dos Santos. O *Dicionário Priberam* averba o vocábulo como regionalismo da Madeira, com o significado de “pessoa de aparência desleixada”, registando também como regionalismo madeirense a forma derivada *zaralhice* “qualidade do que é zaralho” e “grande confusão”, mas não inscreve a forma verbal *zaralhar*.

4. Discussão dos resultados

Como podemos verificar no quadro 2, dos cinquenta vocábulos estudados, os regionalismos que são conhecidos por todos os informantes, sem nenhuma hesitação, com um significado idêntico ao do glossário, são: *azougar, bábeda, baboseira, bilhardeiro, busico, cramar, demoina, dentinho, desterrar, impliquento, lapinha, malcriação, modilho, patinhar, rebendita, resondar, semilha, tarraço, trapiche, vaginha* e *vestuário*. Como são identificados por todas as faixas etárias e usados pelos indivíduos dos três níveis de escolaridade e dos dois gêneros, sem dúvida que são os regionalismos que apresentam maior vitalidade.

Os regionalismos desconhecidos (ou em que o vocábulo é conhecido, mas o significado é desconhecido) por um dos informantes jovens ou pelos dois, sendo regionalismos que parecem estar a cair em desuso, o que é visível através da diferença entre as faixas etárias (os mais velhos usam enquanto os mais jovens já não usam), são: *atremar, balamento, canjirão, catamulho, demitado, escafiar, lagaceira, mamolhão, nojência, ontrodia, pancume, refundiar, revéspera, tratúario* e *zaralho*.

Os regionalismos desconhecidos também pelos informantes adultos e idosos, sendo os menos conhecidos por terem caído em desuso (mesmo quando reconhecidos não são usados), são: *charnota*, em que apenas os dois informantes idosos conhecem o significado original, sendo que o informante 4 apresenta uma nova aceção, mas não usa a palavra, e *grima*, que apenas o informante 2 reconhece. Nos casos de *cangorra*, apenas o informante idoso do sexo masculino conhece e usa a palavra, enquanto o adulto do sexo masculino indica outro significado e afirma não usar a palavra; *fertuadela* também é um vocábulo conhecido apenas pelos informantes idosos que dizem ainda usar a palavra; *stefan* é reconhecido e usado pelos dois homens mais velhos, o idoso e o adulto.

No quadro 3, podemos ver as percentagens dos regionalismos conhecidos e utilizados, desconhecidos e usados com o significado padrão.

Regionalismos	Inf.1 Nº/%	Inf.2 Nº/%	Inf.3 Nº/%	Inf.4 Nº/%	Inf.5 Nº/%	Inf.6 Nº/%
Conhecidos	42 / 84%	47 / 94%	42 / 84%	44 / 88%	22 / 44%	34 / 68%
Utilizados	32 / 64%	34 / 68%	28 / 56%	32 / 64%	20 / 40%	22 / 44%
Desconhecidos	3 / 6%	0 / 100%	4 / 8%	2 / 4%	19 / 38%	11 / 22%
Significado padrão	5 / 10%	3 / 6%	4 / 8%	4 / 8%	9 / 18%	5 / 10%

Quadro 3 – Percentagem dos regionalismos conhecidos e utilizados pelos informantes

Passamos a apresentar a discussão dos resultados obtidos no que diz respeito à variação externa ou social, ou seja, a influência das variáveis socioculturais ou variáveis independentes controladas no (re)conhecimento e uso dos regionalismos.

4.1. A variável sexo

Confrontando os dois idosos, o informante do sexo feminino tem uma maior utilização dos regionalismos que conhece, dos 42 (84%) que conhece usa 32 (64%), ou seja, só não usa 10. Provavelmente por ser doméstica, logo com menos contactos sociais e com menor assimilação da variedade urbana, enquanto o idoso masculino dos 47 (94%) que conhece usa 34 (68%), ou seja, não usa 13. No que se refere à mulher adulta, escriturária na cidade do Funchal, dos 42 (84%) regionalismos que conhece apenas usa 28 (55%), ou seja, não usa 14, enquanto o adulto do sexo masculino, natural de Santa Cruz, dos 44 (88%) que conhece usa 32 (64%), ou seja, não usa 12. Embora a informante 3, natural de uma zona periférica do Funchal que teve e mantém contactos linguísticos com áreas rurais, use menos regionalismos do que o informante 4, conhece e usa muitos regionalismos, tendo em conta o seu grau de integração profissional na variedade urbana, talvez por isso é a mulher que usa menos regionalismos em relação aos que conhece. Provavelmente, os informantes do sexo feminino têm menos preconceito em usar regionalismos, por oposição aos informantes do sexo masculino, o que verificamos sobretudo no caso das mulheres idosa e jovem, informantes 1 e 5, respetivamente doméstica e desempregada, com poucos contactos linguísticos. Assim, o isolamento ou menor integração social das mulheres pode favorecer o uso de formas não-padrão, como é o caso dos regionalismos, que são formas conservadoras. Observamos também que o uso dos regionalismos, nomeadamente pelos informantes 2, 3 e 6, que sentiram maior necessidade de integração social na variedade urbana, depende do prestígio social de cada forma linguística. No entanto, para confirmar esta tendência da variação social no uso dos regionalismos, seria importante alargar o estudo a mais informantes representativos da comunidade de fala da cidade do Funchal.

Um facto interessante é o caso da informante 5 (jovem do sexo feminino) que, apesar de ser a que conhece e usa menos regionalismos, em relação aos restantes informantes, é a que mais usa os regionalismos que conhece, 20 (40%) em 22 (44%) conhecidos, sendo natural do centro do Funchal sem nenhuns contactos linguísticos com áreas rurais. Talvez possamos deduzir que esses regionalismos são os mais usados ou com mais prestígio social, ou seja, estão bem integrados na variedade urbana da cidade do Funchal. O jovem do sexo masculino utiliza menos, 22 (44%) em 34 (68%) conhecidos, o que podemos explicar pela necessidade que sentiu, como ele próprio confessou, de se integrar na variedade urbana do Funchal. Este falante parece ser o mais sensível ao preconceito linguístico ou social, mais do que a jovem do sexo feminino, certamente por ser natural de uma zona rural. Ele próprio afirmou na entrevista que, quando veio viver e estudar para a cidade, deixou de usar muitos regionalismos e outros só usa no meio familiar. Também podemos deduzir que os 22 regionalismos utilizados por este informante não apresentam preconceitos linguísticos no Funchal, daí a sua vitalidade entre os jovens.

4.2. A variável idade

Embora os estudos sociolinguísticos mostrem que os falantes mais velhos usam mais formas regionais e populares, a jovem do Funchal, proporcionalmente ao que conhece, é das que mais usa. Os outros informantes adultos e jovens, com contactos linguísticos com áreas rurais, usam quase na mesma proporção que os idosos.

Como se pode verificar, o idoso e o jovem do sexo masculino, oriundos de localidades rurais, têm conhecimento das palavras *grade* e *grima*, que os outros informantes não conhecem. No entanto, a informante idosa do sexo feminino, natural do Funchal, pela sua idade, mas também por ter vivido numa zona rural (Porto Moniz)

durante 6 anos da sua infância e por estar casada há 46 anos com um falante natural de Machico, tem um grande conhecimento dos regionalismos estudados. Tal como a adulta, pelo facto de o pai ser natural de Machico (Porto da Cruz), onde passou alguns anos da sua infância, também por ser natural de uma zona periférica do Funchal (S. Martinho), que era essencialmente rural, sendo hoje uma zona de transição entre o meio rural e o urbano, ou seja, uma área “rurbana”, e por estar casada há 20 anos com um falante natural de Santa Cruz. Assim, podemos observar que a variável social idade não é tão relevante quanto a variável geográfica (rural vs. urbano). Verificamos também que praticamente todos os informantes, mesmo os nascidos no Funchal, têm proveniência ou tiveram contactos linguísticos com a área rural, à exceção da informante 5 (jovem do sexo feminino, natural do centro do Funchal).

Comparando os dois jovens, a informante natural do Funchal tem muito menos conhecimento dos regionalismos, apesar de conhecer palavras como *babujinha*, *matracada*, *refundiar* e *tratuário*, do que o informante jovem, natural do Estreito de Câmara de Lobos, que não as conhece. Provavelmente, estes são vocábulos muito usados no Funchal, pois as informantes idosa e adulta do sexo feminino também os conhecem. Contudo, os dois informantes mais velhos e os adultos têm maior conhecimento dos regionalismos testados, em comparação com os informantes jovens, mesmo no caso em que um dos jovens é proveniente de uma zona rural. Assim, o fator idade é uma variável importante no conhecimento dos vocábulos regionais, pois os informantes idosos são os que mais regionalismos conhecem e usam. Ainda no que se refere à idade, é curioso verificar que a palavra *busico* é usada apenas pelos informantes jovens, enquanto *fertuadela*, *lagaceira*, *modilho*, *nojência*, *relinga*, *revéspera*, *tratuário* e *zaralho* são utilizados somente pelos informantes adultos e idosos.

Muitas vezes, os informantes mais velhos reconhecem ou lembram-se da palavra, como eles dizem: “eu usava, agora já não uso” (o que revela tendência a comparar o passado com o presente), por isso o conhecimento do regionalismo não quer dizer que ainda seja usado. Pois, os mais jovens ainda reconhecem algumas palavras, mas já não sabem o seu significado.

4.3. A variável escolaridade

Embora o nível de escolaridade seja um dos fatores responsáveis pela apropriação da norma padrão ou norma da escola, isso não se verifica na amostra do uso dos regionalismos inquiridos. Pois, a variável idade parece ser mais relevante do que a escolaridade: os informantes idosos, menos escolarizados, são os que mais conhecem e usam os regionalismos estudados, embora não haja grande diferença em relação aos adultos com ensino secundário. No entanto, os jovens com ensino superior também conhecem e usam muitos regionalismos.

4.4. A variável rural vs. urbano

A variável geográfica da naturalidade rural ou urbana dos informantes revelou-se muito relevante, por ser determinante no conhecimento e uso dos regionalismos na cidade do Funchal, sobretudo no caso dos adultos e do jovem com origem e contactos familiares próximos na área rural. Alguns regionalismos parecem ser menos conhecidos e usados na cidade do Funchal, tais como: *azougar*, *balamento*, *catamulho* e *grade*, reconhecidos apenas pelos informantes naturais de áreas rurais. Assim, verificamos, nestes casos, que alguns regionalismos madeirenses tendem a cair em desuso no Português falado na cidade do Funchal. No entanto, faltam estudos que testem a

vitalidade destes vocábulos e outros nas diferentes localidades da região, para confirmar se o mesmo está a acontecer fora do Funchal.

No que se refere à percepção linguística, todos dizem que os regionalismos estudados são sentidos como palavras antigas ou mesmo muito antigas. No entanto, é curioso notar a vitalidade, grande expansão e mesmo produtividade de alguns regionalismos madeirenses que são muito frequentes, podendo ser denominados de comuns ou usuais, aqueles que são conhecidos por todos os informantes, como *azougar*, *baboseira*, *bilhardeira*, *desterrar*, *cramar*, *tarraço*, *trapiche*, *vaginha* e *vestuário*.

Conclusão

A pequena amostra do universo do Português falado na cidade do Funchal permite-nos constatar a variação social existente, tendo em conta a influência dos fatores socioculturais (sexo, idade e escolaridade), mas também a variável geográfica da origem urbana ou rural dos informantes, no uso dos regionalismos madeirenses e a vitalidade dos mesmos. Observámos que alguns regionalismos semânticos como *abrasar*, *embeijado*, *escadinha*, *festa*, *grade* e *soquete* tendem a ser usados com o significado padrão ou são desconhecidos, como *grima* e *relinga*, sobretudo pelos mais jovens. Outros regionalismos como *baboseira*, *bilhardeiro/a*, *desterrar*, *lapinha*, *patinhar*, *rebendita*, *resondar*, *semilha*, *tarraço*, *trapiche*, *vaginha* e *vestuário* são muito usados, apresentando forma e significado estável, e são bem conhecidos por todos. Os regionalismos menos conhecidos e menos usados são claramente os que estão a perder vitalidade, sendo sentidos já como arcaísmos, por exemplo: *cangorra*, *charnota*, *fertuadela* e *grima*. *Atremar*, *canjirão*, *demoína* e *tratuário*, embora sejam conhecidos pelos informantes mais velhos, já não são muito utilizados. Alguns regionalismos apresentam variação semântica, como é o caso de *babujinha* que, além do significado de “estar à beira da água do mar”, tem a aceção de “aproveitar-se dos outros” (informantes 2 e 4) e *babujar* é “meter água na boca” (informante 6); *escafiar* é “limpar”, mas também “mexer, masturbar-se” (informante 4); *zaralho* é uma “pessoa mal-arranjada” e “pessoa perdida, que não sabe o que fazer” (informante 4); *charnota*, além de habitante de Câmara de Lobos, significa “cagarela, cagado, cheio de medo” e “pessoa mal vestida” (informante 4); *busico* tem a aceção de “pessoa fraca”, além de “criança pequena” (informante 4); *catamulho* também tem o significado de “molheilha” (informante 4). Este informante dá-nos muitas informações sobre os regionalismos, talvez por ter trabalhado na construção civil e na agricultura e atualmente ser bombeiro, tendo tido muitos contactos linguísticos e sociais com áreas rurais. O mesmo informante fornece-nos também variação sinonímica, como é o caso de *molheilha* para *catamulho* e de *cagarela* para *charnota*, que também são regionalismos.

Além da ocorrência de variação interna dos regionalismos, ou seja, formas em variação ou competição, a vários níveis linguísticos (variantes fonéticas, lexicais, semânticas e morfológicas), observámos que os fatores de variação social, sobretudo a idade influencia o conhecimento e o uso dos regionalismos, pois os informantes idosos e adultos manifestaram conhecer e usar mais regionalismos do que os jovens. No entanto, constatámos que a informante jovem com formação universitária, natural do centro do Funchal (freguesia de S. Pedro), com poucos contactos linguísticos e que conhece menos vocábulos regionais em comparação com os outros informantes, é a que mais usa os regionalismos que conhece. Em relação ao jovem do sexo masculino, que também conhece muitos regionalismos, deixou de usá-los quando veio viver e estudar para o Funchal, tal como aconteceu com o informante idoso do sexo masculino, quando veio viver e trabalhar para a cidade, talvez pelo facto de serem naturais de áreas rurais, tendo sentido e sido vítimas de preconceito linguístico. Daí, provavelmente, estes falantes

terem uma menor percentagem de utilização dos regionalismos que conhecem em relação às informantes do sexo feminino, naturais do Funchal, que possivelmente por isso não sentem tanto o preconceito linguístico e social. Deste modo, nas cidades, o uso dos regionalismos, sobretudo pelos falantes naturais de áreas rurais, está muito dependente da dimensão do preconceito linguístico sofrido. Apesar do número reduzido de vocábulos estudados e da pequena amostra de falantes analisada, os fatores de variação social mais relevantes no (re)conhecimento e uso dos regionalismos, na comunidade urbana do Funchal, são a idade, associada aos contactos linguísticos com áreas rurais.

Este estudo é apenas uma pequena contribuição para conhecermos o uso dos regionalismos madeirenses na variedade do Português falado no Funchal, tendo em conta os fatores extralinguísticos ou variáveis sociais controladas (sexo, idade, escolaridade e oposição rural vs. urbano). Também nos mostra a produtividade e a vitalidade lexical e semântica dos regionalismos madeirenses testados. A ocorrência de palavras derivadas por sufixação, como *bilhardice* (de *bilhardar*, a par de *bilhardeiro/a*), *desterradeira* (de *desterrar*), *refundiadeira* (de *refundiar*), *trapicheiro/a* e *trapichento* (pessoa que vive em meio à desarrumação ou desorganização), prova de produtividade lexical de alguns regionalismos madeirenses, atesta a sua vitalidade. Concluimos que *Babujinha*, *bábeda*, *cramar*, *resondar*, *semilha*, *tarraço*, *trapiche*, *vaginha* e *vestuário* são os regionalismos mais conhecidos e usados, inclusivamente pela informante jovem do sexo feminino, natural do centro do Funchal, sem contactos linguísticos com áreas rurais. Embora os dados linguísticos analisados ainda sejam insuficientes para tirar conclusões, indicam que, apesar do preconceito linguístico sofrido anteriormente pelos residentes no Funchal oriundos de áreas rurais, a tendência atual é manter e valorizar o património lexical madeirense.

Os regionalismos madeirenses resultam de elementos históricos, geográficos e sociais, participantes na construção da identidade linguística e cultural da região. Estes permitem conhecer a diversidade linguística, sobretudo lexical e semântica, do Português falado e observar a especificidade de uma comunidade de fala, neste caso a cidade do Funchal. A variação social no uso dos regionalismos revela a relação existente entre história, língua e sociedade, como forma de fortalecer a cultura e a identidade regionais, ou seja, a “regionalidade” ou “madeirensidade”.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, E. Algumas particularidades do português falado no Funchal. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (APL). Lisboa: Colibri, 1990, p. 17-29.
- BARCELOS, J. M. Soares de. *Dicionário de falares dos Açores. Vocabulário regional de todas as ilhas*. Coimbra: Almedina, 2008.
- _____. *Dicionário de falares do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais. Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes, 2014 (cortesia do autor, no prelo).
- BAYLEY, R.; LUCAS, C. (eds.). *Sociolinguistic variation: theories, methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. *Nós cheguei na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. S. Paulo: Parábola, 2005.
- CASTELEIRO, J. Malaca (coord.). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

CASTRO, Ivo. *Introdução à história do Português*. Lisboa: Colibri, 2006.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 18 vols. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal. Lisboa: Temas e Debates, 2005.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 16 de jun. 2014.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*. Funchal: Universidade da Madeira, dissertação de mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, 2004.

_____. *Palavras d'aquintrodia (estudo sobre regionalismos madeirenses)*. Lisboa: Fonte da Palavra, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara: Faculdade de Letras, Tese de Doutorado em Letras, 1996.

_____. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (orgs.). *História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165-181.

LABOV, William. *The Social stratification of English in New York City*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language variation and change*, 2, 1990, p. 205-254.

MARQUES, M. E. Ricardo. *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. New York: Basil Blackwell, 1987.

NASCIMENTO, J. Cabral do. Existem palavras e locuções madeirenses? *Arquivo Histórico da Madeira*. Vol. VIII, 1950, p. 204-211.

NUNES, Naidea Nunes. A variação social em Areia, Estado da Paraíba, Brasil. *Pensardiverso. Da singularidade à confluência. Revista de Estudos Lusófonos da Universidade da Madeira*. Universidade da Madeira, n. 1, 2010, p. 27-49.

REBELO, Helena. A caminho do Brasil: a Madeira. Situação atual da língua portuguesa na Ilha da Madeira. *Xarabanda Revista*. n16, 2005-2006, p. 64-73.

SANTOS, M. F. Silva. *À luz das palavras quase esquecidas: contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta do Sol*. Funchal: Universidade da Madeira, dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, 2013.

SILVA, António Carvalho da. Novos apontamentos sobre vocabulários madeirenses: as primeiras palavras do Arquipélago da Madeira. *Isleña*. n 42, jan.-jun. 2008, p. 62-78.

SILVA, A. R. Marques da. Vocabulário e expressões do Norte da ilha. *Minha Gente. Crónica romanceada*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1985, p. 187-213.

SILVA, Pe. Fernando Augusto da. *Vocabulário Popular da Madeira*. Funchal: Junta Geral do Funchal, 1950.

SOUSA, Luís de. *Dizeres da Ilha da Madeira. palavras e locuções*. Funchal: Casa Figueira, 1950.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Dicionário de regionalismos e arcaísmos*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em: <<http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/DRA/resources/DRA.pdf>>. Acesso em 28 de jun. 2014.

VIEIRA, Manuel Higinio. Bêbado tarraço (nótula explicativa). *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VI, 1939, p. 100-102.

VIEIRA, S.; Bazenga, A. Patterns of third person plural verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*. Lisboa: Edições Colibri, vol. 12, n 2, 2013, p. 7-50.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

Recebido em 21 de julho de 2014
Aceito em 29 de agosto de 2014